



BINSWANGER: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE FENOMENOLOGIA E PSICANÁLISE

Binswanger: A Dialogue between Phenomenology and Psychoanalysis

Binswanger: Un Diálogo entre Fenomenología y Psicoanálisis

CIBELE STRINGUETTA*
ADRIANO FURTADO HOLANDA **

Resumo: Este artigo se propõe a realizar uma análise do desenvolvimento do pensamento do psiquiatra suíço Ludwig Binswanger, a partir do qual será discutida a relação entre fenomenologia e psicanálise. Por meio do conhecimento de suas motivações teóricas e sua amizade com Sigmund Freud, procuramos apontar como a psicanálise influenciou sua teoria, expressa em alguns de seus conceitos e outros pontos que receberam influência mútua. Conclui-se que tanto no âmbito teórico-profissional quanto no âmbito pessoal, Binswanger representa uma articulação entre as duas teorias, o que localiza sua teoria como resultado de um diálogo efetivo entre fenomenologia e psicanálise.

Palavras-Chave: Psicanálise, Fenomenologia, Binswanger.

Abstract: This article proposes to carry out an analysis of the development of the thought of the Swiss psychiatrist Ludwig Binswanger, from which the relationship between phenomenology and psychoanalysis will be discussed. Through the knowledge of his theoretical motivations and his friendship with Sigmund Freud, we seek to point out how psychoanalysis influenced his theory, expressed in some of his concepts and other points that received mutual influence. It is concluded that both in the theoretical-professional and in the personal sphere, Binswanger represents an articulation between the two theories, which locates his theory as a result of an effective dialogue between phenomenology and psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis, Phenomenology, Binswanger.

* Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. Email: psicocibele@gmail.com.

** Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. Email: aholanda@yahoo.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7171-644X>



Introdução

Pensar em fenomenologia e psicanálise de forma colaborativa e articulada se coloca como um desafio, notadamente na psicologia brasileira, acostumada a compartimentos teóricos e hiper especializados, e marcada pelo escasso diálogo entre disciplinas e autores que, sem consenso entre as diversas concepções de homem, segue construindo modelos cada vez mais polarizados e isolados. Essa questão apresenta-se como uma lacuna histórica em que a psicologia acaba não construindo uma identidade, no sentido de uma psicologia geral que dê base para especializações e autores. As disputas por mostrar suas verdades são maiores do que uma necessária construção de conhecimento de forma rigorosa (Branco, 1998; Figueiredo, 2008; Ferreira, Portugal e Jacó-Vilela, 2005; Holanda, 2019).

A rigor, as relações entre psicanálise e fenomenologia não deixam de ser estreitas, e históricas; a despeito das compartimentações e das interpretações, por vezes, equivocadas de ambas as partes. Notadamente no cenário francês, que conheceu interlocuções mais aproximadas entre temas e autores, estas relações foram se desenvolvendo de forma mais tranquila. Mesmo assim, estas relações são bem mais profundas e complexas do que podemos supor ou sugerir neste trabalho, transcendendo as relações de Freud com a fenomenologia, por exemplo; e associando nomes outros como Lacan, Merleau-Ponty, Sartre, Buytendjik, Lagache, Vergote, De Waelhens, dentre outros (Bucher, 1983, 1989; Bass, 1988; Holanda, 2014; Dalbosco, 2022).

Para este estudo, foi necessário o recorte de dois temas, em princípio – e aparentemente – contrários e irreconciliáveis, fenomenologia e psicanálise. Reconhecendo o fato de que tais campos são pouco associados no Brasil, realizou-se o exercício de buscar algumas fontes teóricas que apontassem para uma possível aproximação entre eles.

Nessa busca, o psiquiatra suíço Ludwig Binswanger se mostrou como precursor de um olhar conciliador e construtivo entre fenomenologia e psicanálise que, partindo da psiquiatria, viu na psicanálise uma forma coerente de tratar o sofrimento psíquico de seus pacientes. Apesar de inicialmente atuar sob esta lente, alimentou na mesma medida a amizade com Freud e a postura crítica em relação à teoria psicanalítica, indo além dela. Passando pelos campos teóricos da filosofia e da antropologia, atravessou fases inspiradas no pensamento de Husserl e Heidegger, até construir sua própria teoria, que aponta para um diferencial: pautar-se em diversos campos sempre na ânsia de agregar saberes esclarecedores sobre o humano, no que concerne à essência deste. Como aponta Spiegelberg (1972), “Binswanger não era um mero eclético e sincretizador. Pelo contrário, embora aberto a todas as novas ideias, ele respondeu a elas de uma maneira altamente específica e criativa” (p. 197). Essa resposta foi sua teoria denominada Antropologia Fenomenológica: pensar o homem, sua origem e tudo mais que o perpassa de forma abrangente, para além da doença. Essa proposta não atravessa uma análise teórica do transtorno psíquico, mas se dá pelo encontro com o singular do sofrimento humano e da pessoa em determinada situação, da sua experiência de vida contida na sua biografia (Acharán, 2019).

Binswanger foi um psiquiatra que buscou nas mais diversas disciplinas a base para compreensão do ser humano, mas antes de tudo, buscava formas de tratar o humano¹ em seu sofrimento psíquico, por meio de um tratamento pautado cientificamente, conferindo à psiquiatria esse status, o que desde aquela época era algo discutido e questionado em todos os ramos que tratavam da mente humana.

Em seu trajeto, conheceu Freud – por meio de Jung – a partir do que tomou a psicanálise como base para o tratamento dos doentes que eram internados na clínica de sua família, da qual tornou-se diretor muito jovem. Sempre muito questionador e politizado, manteve relação de amizade com Freud até sua morte.

Apesar de pouco lido e estudado no Brasil, Binswanger apresenta-se como um psiquiatra com amplitude teórica e prática necessárias à construção de um saber não reducionista do humano. Esta talvez seja a diferença essencial entre Binswanger e Freud; enquanto o primeiro buscava ampliar seu olhar e construir uma psicologia que abrangesse a grandeza e a multiplicidade do homem, o segundo buscava estudar um campo específico e criar mecanismos para afirmar e perpetuar o conhecimento por ele construído. Neste sentido, Ellenberger (1976) complementa que “Freud rompia com o princípio de ciência unificada: A psicanálise se converteu em ‘sua’ escola, com sua organização, sua doutrina, a iniciação imposta a seus adeptos sob forma de análise didática” (p. 9).

No entanto, essa amizade entre Binswanger e Freud estabeleceu-se no entremeio do desenvolvimento do próprio movimento psicanalítico, sendo quase impossível discernir e separar uma coisa da outra. Schmidl (1959), considera que: “A política do movimento psicanalítico, no entanto, inseriu-se na relação entre Freud e Binswanger” (p. 44). Apesar das imensas diferenças e de tantas discordâncias, mantiveram um vínculo respeitoso, que permitiu o diálogo por longo tempo, com espaço para críticas e colaborações que indiscutivelmente

¹ Binswanger compunha um rol de psiquiatras profundamente comprometidos com sua tarefa de tratar e acompanhar diretamente seus pacientes – como tantos outros da tradição conhecida como “fenomenológica”, tais como Jaspers, Kuhn, Straus, e outros – e que acabavam por morar no próprio hospital, como forma de estar mais presentes ao trabalho (Ellenberger, 1976; Spiegelberg, 1972)



contribuíram para o desenvolvimento intelectual de ambos. A amizade entre Freud e Binswanger se confunde com a história da psicanálise, da psiquiatria e da psicologia. Esse fato nos leva a pensar na hipótese de que, no pensamento de Binswanger, podemos encontrar uma profícua interlocução entre fenomenologia e psicanálise, a qual se dá, principalmente na dimensão clínica.

Pretende-se apontar questões tanto dos autores centrais deste estudo – Binswanger e Freud –, como alguns de seus comentadores e historiadores. Será utilizado como viés de análise a dimensão clínica psiquiátrica, entendendo que ali está a melhor possibilidade de um encontro entre as duas teorias.

O Desenvolvimento do Pensamento de Binswanger para Além de Freud

A construção da teoria de Binswanger foi motivada pela busca de um status científico para a psiquiatria. No entanto, sua visão não estava reduzida à doença mental, ao tratamento da loucura, mas à compreensão do ser humano em sua totalidade, em seus estados enfermo ou são, o que pode ser exemplificado por seu primeiro livro, *Einführung in die Probleme der Allgemeinen Psychologie* (“Introdução aos problemas da psicologia geral”), de 1922, inclinado a uma psicologia geral (Spiegelberg, 1972). No entanto, assim como na psiquiatria, percebeu uma lacuna na psicologia de sua época, que tratava o homem por um viés naturalista, pouco sabendo sobre uma dimensão maior, no que concerne à sua existência concreta. Não por acaso, esse era o principal ponto de discordância de Binswanger em relação à psicanálise, teoria que embasou seus primeiros estudos e atuação na clínica.

Com base nisto, nomeou a concepção de homem da psicanálise como *homo natura*, justificando esse entendimento na conferência proferida em comemoração aos 80 anos de Freud (Binswanger, 1924/1973; Soria, 2016). Essa concepção mostrou-se limitadora, movendo-o – como lhe era característico – a buscar outras fontes que lhe apresentasse uma concepção de homem coerente com a diversidade da experiência humana.

Para Binswanger – como sintetiza Spiegelberg (1972) – faltava à teoria freudiana, basicamente, duas coisas: “(1) uma metodologia defensável, justificando esse tipo de interpretação cientificamente em bases psicológicas e filosóficas: foi a promessa da fenomenologia de Husserl; (2) uma antropologia menos unilateral e mais abrangente: essa foi a promessa do *Daseinsanalytik* de Heidegger” (p. 199). Binswanger (1956/1992) reconhece essa falta a partir de uma inspiração em 1911, ao escutar uma conferência de Liepmann sobre “A importância de Wernicke para a psiquiatria clínica”, e almejou escrever um estudo análogo em relação a Freud, algo como: “A importância de Freud para a psiquiatria clínica”; no entanto, logo reconheceu e amadureceu tal conclusão com os passar dos anos, de que não podia fazê-lo, pois lhe faltavam as bases filosóficas e científicas prévias.

Dessa forma, a busca por dar uma base filosófica para a psicanálise de Freud, permeou o desenvolvimento filosófico de Binswanger, sendo sistematizada por Spiegelberg (1972), em quatro fases²:

1. Fase Pré-Fenomenológica
2. Primeira Fase Husserliana
3. Fase Heideggeriana
4. Segunda Fase Husserliana

1.1. Fase Pré-Fenomenológica

A primeira fase – (1) Fase Pré-Fenomenológica – conta com as marcas do pensamento de Immanuel Kant e Paul Natorp. Na sua busca por integrar a psicanálise a uma filosofia do ser humano dentro de um quadro psicológico adequado, Binswanger se depara com a concepção neo-kantiana da psicologia científica; e a de Paul Natorp, que preconizava que a psicologia era a ciência do subjetivo, em contraste com as ciências não-psicológicas baseadas no método de objetificação (*Objektivierung*). Desse modo, era necessário “reconstruir” de forma peculiar os dados subjetivos a partir de dados objetivos, para que tivessem validade, baseado em postulados. Esse modelo tornou-se insuficiente para Binswanger pela falta da concretude da experiência direta. A influência de Natorp foi evidenciada em seu primeiro grande trabalho, de 1922 (que, apesar, de ter assumido uma outra forma de psicologia geral – usando o próprio título de Natorp – não passava de uma introdução aos seus problemas). No entanto, essa obra permitiu passar dos textos neokantianos até a fenomenologia descritiva presente nos escritos de Brentano e de um Husserl inicial. Isso também não significou um abandono total de seu começo kantiano. No entanto, o transcendentalismo de Binswanger significava algo muito diferente do de Natorp ou de Husserl. O que ele preservou foi a busca dos fundamentos “a priori” na própria estrutura do ser humano, que tornam possível a experiência concreta e finalmente, o *Dasein* (Spiegelberg, 1972).

1.2. Primeira Fase Husserliana

A segunda fase – chamada de “Primeira fase husserliana” – principia em 1922, quando seu estudo de Husserl e Brentano fez com que abdicasse da visão naturalista de sujeito homem, o que resultou em um re-

2 Tomaremos a sistematização de Spiegelberg (1972) por referência, não apenas por ser a mais clássica das abordagens, mas igualmente por considerarmos-la a mais abrangente. No decorrer da discussão recuperaremos um conjunto maior de estudos a respeito da temática.



latório sobre fenomenologia, apresentado à Sociedade Suíça de Psiquiatria neste mesmo ano. Esse relatório representou, de forma prática, a abertura de Binswanger à nova tendência. Até este momento não havia tido contato com nenhum dos líderes do Movimento Fenomenológico em filosofia. O primeiro contato foi com Alexander Pfänder, no ano seguinte. Até 1923, aprendeu tudo o que escreveu por leituras. Alfred Schwenninger foi o responsável pelo encontro de Binswanger tanto com Pfänder quanto com Husserl. Este encontro ocorreu em 1924, oportunidade em que Husserl visitou Kreuzlingen onde deu uma palestra sobre fenomenologia e assinou o livro de entrada. A palestra apontava que o caminho para uma verdadeira psicologia exigia um retorno à ingenuidade infantil de um estudo elementar da consciência, o que parece ter deixado uma marca permanente no desenvolvimento fenomenológico de Binswanger (Spiegelberg, 1972), como assinala Giovanetti (2018): “Seu primeiro encantamento foi com a fenomenologia de Husserl” (p.136).

Husserl havia dado uma base sólida para o seu trabalho, abrindo novas dimensões para uma abordagem descritiva com um conteúdo muito mais rico do que o breve esboço de intencionalidade de Brentano. A análise Husserliana da intencionalidade, mostra a ligação entre o ato subjetivo e o objeto intencional ao qual foi direcionado; efetivamente preencheu a lacuna entre sujeito e objeto, uma lacuna que era, para Binswanger, o “câncer da psicologia e filosofia” (Spiegelberg, 1972; Dastur & Cabestan, 2015). A fase Husserliana também está ilustrada no conteúdo do seu livro de 1922, que consistia no exame detalhado dos conceitos básicos da psicologia clássica e contemporânea como pertinentes aos trabalhos de Bleuler e Freud. “É a partir desse ano que sua adesão à Fenomenologia como método de investigação será definitiva e marcará seu pensamento de maneira decisiva” (Giovanetti, 2017, p. 55).

O primeiro capítulo discute os relatos naturalistas do psíquico. O segundo analisa as caracterizações alternativas dele, iniciando por Leibniz até chegar aos relatos comparativos de Natorp, Bergson e Husserl. No terceiro, o entendimento não naturalista do psíquico é desenvolvido no estudo dos conceitos de função e ato. O conceito de intencionalidade de Brentano e Husserl mostra-se como uma base mais eficiente para a exploração empírica do psíquico e um desenvolvimento da abordagem kantiana. O capítulo final, claramente necessário para o desenvolvimento de uma psicologia e psiquiatria concretas no caminho da psicanálise, aborda as questões do alter ego e da personalidade. Ainda insere como mais útil a compreensão fenomenológica da percepção de outros eus, proposto por Max Scheler. Conclui com o desenvolvimento de seus conceitos próprios de pessoa e personalidade. Não deixa claro como isso iria se desdobrar, principalmente em relação a contribuição para a compreensão do inconsciente, o que gerou críticas e insatisfação de Freud para com ele (Spiegelberg, 1972).

A sua trajetória na fenomenologia fica ainda mais explícita em um testemunho de Binswanger sobre fenomenologia em seu *Referat* de 1922. Faz o contraponto da fenomenologia, primeiro com a “ciência natural” (no sentido das ciências físicas e biológicas) e enfatiza o uso de um tipo especial de intuição (*Anschauung*) que não a experiência sensorial. Também ilustra a intuição essencial de Husserl (*Wesensschau*) através de uma discussão sobre a compreensão do artista sobre a natureza essencial de seu assunto, em uma seção especial referente a Flaubert, Franz Marc e van Gogh. Aqui, ele caracterizou o princípio fundamental do método fenomenológico como análise confinada ao que pode ser encontrado na consciência mostrando, no entanto, que muito mais é dado do que geralmente se acredita. Faz menção à redução fenomenológica, como critério diferencial entre a visão essencial e a experiência meramente factual. Esse testemunho é concluído demonstrando algumas das implicações dessa fenomenologia para a psicopatologia, com ênfase na concepção de autismo de Bleuler. Apesar da demonstração do conhecimento e aplicabilidade da fenomenologia, ainda não se identificou com a fenomenologia e até expressou algumas críticas reservadas.

Outro artigo que marca o produto dessa fase Husserliana inicial, foi “*Lebensfunktion und innere Lebensgeschichte*” (“Função de vida e história de vida interior”), de 1927. Binswanger desenvolveu nesse trabalho uma nova e importante concepção da história da vida interior como base para a interpretação de distúrbios como a histeria que não tinham ligação com distúrbios funcionais no organismo, o qual teve influência de Scheler e Pfänder. Até aqui, Binswanger considerou a fenomenologia apenas como uma ferramenta para uma melhor compreensão dos fenômenos psicopatológicos, mas ainda tinha um grande caminho a percorrer para poder responder filosoficamente ao desafio de Freud.

1.3. Fase Heideggeriana

Foi a busca pelas respostas a esse desafio que levou Binswanger a se aproximar da obra de Heidegger, característica da terceira fase da construção de seu pensamento – a fase heideggeriana (Spiegelberg, 1972) – que é inaugurada pelo aparecimento da primeira parte de “*Sein und Zeit*” (Ser e Tempo), de Heidegger, em 1927. Isto não significou um afastamento de Husserl, tão somente acrescentou outra dimensão à fenomenologia, ou melhor, uma fenomenologia que lhe permitia desenvolver sua própria antropologia como base para o que denominaria *Daseinsanalyse*. Este que seria o método utilizado por Binswanger para o tratamento de seus pacientes.

A *Daseinsanalyse* busca compreender a doença como um modo de expressão do ser-no-mundo. Assim, Binswanger vai afirmar que aquilo a que se deve visar com a *Daseinsanalyse* não é compreender a estrutura do delírio, mas a do homem que delira, isto é, a estrutura de seu novo ser-no-mundo. (Giovanetti, 2012, p.69)



Binswanger reconheceu mais tarde que a interpretação e utilização da tese de Heidegger para sua própria teoria, teria sido um mal-entendido, mas um mal-entendido “produtivo” que permitiu o desenvolvimento de um núcleo para uma interpretação nova e criativa da experiência do ser humano (*existenzielle* ou existencial real, distinta da *existentiale* ou da análise ontológica). Novamente, o contato de Binswanger com Heidegger foi inicialmente por meio da leitura de seu trabalho. O primeiro encontro entre ambos ocorreu em 1929, por ocasião de em uma palestra de Heidegger, em Frankfurt.

Binswanger parte das primeiras publicações heideggerianas. Retirou de “Ser e Tempo”, principalmente, ideias da primeira seção – a análise preparatória da vida cotidiana – e o mais importante foi a caracterização da existência humana como ser-no-mundo. Essa estrutura fundamental fez mais do que consertar a divisão “cancerígena” entre sujeito e objeto. Ali, o objeto intencional se desenvolveu em um mundo completo, e a consciência se desenvolveu em *Dasein*, que compreendia mais do que meramente consciência e “transcendia” a este mundo. Apenas pouco, comparativamente, da “análise fundamental” do *Dasein* na segunda seção de Heidegger parece ter permeado a interpretação criativa de Binswanger; notavelmente a existencialidade da temporalidade e da historicidade.

A primeira vez que Binswanger utilizou o conceito do ser-no-mundo de Heidegger como base de sua nova antropologia, foi em 1930, em uma palestra sobre “Sonho e Existência”. Contudo, o principal produto da nova abordagem de Binswanger foram três estudos de 1931 a 1932 sobre a “fuga de ideias” (*Über Ideenflucht*), publicada em 1933, uma vez que representam as demonstrações mais concretas e sustentadas da nova abordagem antropológica da psicopatologia. Não obstante a *Daseinsanalytik* de Heidegger tenha sido útil para o desenvolvimento da nova antropologia, não estava em consonância com ela. Desta feita, originou-se o maior e filosoficamente central trabalho de Binswanger “*Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins*” (“Formas básicas e conhecimento da existência humana”) (Spiegelberg, 1972; Dastur e Cabestan, 2015; Giovanetti, 2017). Esta obra, de 1942, pode ser considerado uma antítese a Heidegger, na forma de uma “fenomenologia do amor”, que Binswanger considerou ter sido excluída por Heidegger, deixando de considerar a dimensão social em suas análises. Essa falta não satisfaz Binswanger em sua busca por um novo tipo de psiquiatria baseada no encontro amoroso entre médico e paciente. A principal influência neste aspecto foi de Martin Buber (Spiegelberg, 1972; Dastur e Cabestan, 2015; Alvarenga, 2017) que visitou Binswanger algumas vezes e mesmo não sendo fenomenólogo, estava interessado na abordagem existencial de sua experiência básica, do Eu e Tu.

“*Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins*” (“Formas fundamentais e conhecimento da existência humana”), será sua antropologia fenomenológica, base da *Daseinsanalyse* (Giovanetti, 2017, p.57). A obra trata primeiramente dos conceitos de amor dual e amizade como base para nossas relações sociais. Tais conceitos seriam equivalentes a uma reversão da suposta antropologia do cuidado de Heidegger, o que não significa que Binswanger negou o “cuidado”, mas o compreendeu como uma forma derivada da autêntica existência social num amar (*Wirheit*), uma “nostridade” (Dastur e Cabestan, 2015). Na segunda parte, trata da epistemologia do *Dasein* humano. Marca-se aqui que a principal função do amor ou senso de encontro de Binswanger é superar o conflito entre amor e carinho. A base para seu desenvolvimento lança mão de variadas fontes, da filosofia a literatura. As referências para essa “fenomenologia do amor” são Goethe e Dilthey. “Há relativamente pouca discussão explícita sobre psicopatologia e psicanálise em *Grundformen*. Este trabalho foi principalmente o esforço supremo de Binswanger para desenvolver sua própria antropologia, que ele havia perdido em Heidegger” (Spiegelberg, 1972, p. 208). De acordo com Giovanetti (2017), o principal diferencial entre os autores é que a análise (do *dasein*) Heideggeriana é ontológica, e a análise binswangeriana é antropológica.

Destaca-se que, nesta fase, Binswanger desenvolveu seus cinco notáveis estudos de caso na esquizofrenia, que se tornaram exemplos clássicos da análise de *Daseins*, especialmente os casos de Ellen West (Binswanger, 1967a) e Lola Voss (Binswanger, 1962). Apesar de levarem a novas ideias gerais sobre a existência esquizofrênica, como um modo de “ser-no-mundo” o faziam de forma limitada, sem considerar o vir-a-ser.

1.4. Segunda Fase Husserliana

Binswanger já havia percebido que Husserl não lhe poderia fornecer uma antropologia, mesmo assim nunca o abandonou. Assim, nesta segunda fase, Husserl assume um novo significado para ele. Esse novo olhar foi influenciado diretamente pelo encontro de Binswanger com o filósofo fenomenológico Wilhelm Szilasi. Assim como ele, Szilasi buscava uma nova síntese entre o pensamento de Husserl e Heidegger. O encontro data de 1951, quando Szilasi aparece como um crítico compreensivo do conceito de experiência da *Daseinsanalyse* de Binswanger, apontando para sua incompletude e para uma assimilação de conceitos da filosofia posterior de Husserl, a qual ainda não havia sido utilizada por Binswanger.

Após travar conhecimento com essa nova faceta, Binswanger a torna sua base principal de interpretação de Husserl. Acontece então um retorno à fenomenologia. Binswanger reconheceu que a forma como utilizou Husserl anteriormente se restringiu a uma “fenomenologia descritiva”, chegando à conclusão de que não era suficiente a compreensão estática dos modos psicóticos da existência e também para entender como esses mundos ilusórios eram constituídos (Alvarenga, 2017). Só então, Binswanger se aproximou da fenomenologia constitutiva de Husserl, desenvolvida já em 1929. Em seu livro final, sobre sua nova “fenomenologia das



ilusões” (*Wahn*, “ilusão”, publicado em 1965) abordou a questão do delírio por essa perspectiva. No entanto, permaneceu em aberto, nessa fase, até que ponto esse entendimento genético pode ser aplicado a outras fontes. Binswanger almejava abrir caminhos para outros e não oferecer uma resposta final. Em suas fases finais, elaborou a perspectiva de um complemento à fenomenologia descritiva da essência da ilusão por uma análise existencial, possivelmente um retorno final ao nível da *Daseinsanalyse* pela via heideggeriana.

Ressalta-se que essas seriam as quatro fases do desenvolvimento do pensamento de Binswanger em busca de um fundamento filosófico para sua psiquiatria científica, a qual sentia falta em sua jornada junto a Freud, na psicanálise. Essa é a perspectiva que corriqueiramente se dá ao pensamento e à contribuição do psiquiatra suíço, por via, principalmente da fenomenologia (Spiegelberg, 1972; Dastur e Cabestan, 2015; Alvarenga, 2017; Giovanetti, 2017). Pretendemos agora, apontar quais aspectos de seu pensamento estão fundados ou receberam alguma influência da psicanálise.

O Desenvolvimento do Pensamento de Binswanger a partir de Freud

A contribuição da psicanálise para o desenvolvimento do pensamento de Binswanger pode ser verificada por meio de duas vertentes. A primeira seria a visão do próprio Binswanger, a qual é atravessada por sua relação de amizade com Freud, a ser analisada no texto publicado em 1956, *Mis recuerdos de Sigmund Freud* (Binswanger, 1956/1992), no qual publica de forma comentada as correspondências trocadas com o amigo, ao longo de toda a vida, bem como outras recordações importantes para a compreensão dessa relação. A segunda, de caráter científico e rigoroso, seria a perspectiva de historiadores e estudiosos de sua obra (Schmidl 1959; Spiegelberg, 1972; Alarcão, 2013; Alvarenga, 2017). As duas perspectivas serão abordadas aqui, a fim de compreendermos a relação de Binswanger com Freud e a psicanálise, e examinar quais foram as bases psicanalíticas que influenciaram o desenvolvimento de sua própria teoria.

Muito jovem, Binswanger teve acesso à psicanálise, culminando em seu primeiro encontro pessoal com Freud em 1907, que ocorreu por intermédio de Jung, de forma bastante ocasional, numa época em que a psicanálise era uma grande novidade para a comunidade científica. Desde aquele momento, tornou-se um estudioso da teoria, passando a praticá-la no hospital psiquiátrico de sua família.

Spiegelberg (1972), descreve uma sequência de cinco estágios em sua abordagem a Freud: o primeiro, consistiu numa fase exploratória, de aprendizado, escuta e leitura de relatórios, com a abertura de sua instituição para a psicanálise. O segundo, tratou de uma aceitação total, para que pudesse testar a teoria. O terceiro, que cronologicamente não está descolado dos demais, buscou determinar o lugar da psicanálise na psiquiatria. No quarto estágio, proferiu a conferência sobre a concepção de homem na psicanálise, *homo natura*; momento em que seu pensamento pareceu mais distante de Freud, e que já havia desenvolvido sua antropologia sobre fundamentos heideggerianos. Finalmente no quinto estágio, Binswanger chegou a uma avaliação final ainda mais positiva da antropologia de Freud. “Foi nesse ponto que ele descobriu que a concepção de natureza de Freud era realmente muito mais profunda do que a do naturalismo científico, sendo a natureza algo que Freud abordou com um senso de reverência” (Spiegelberg, 1972, p. 199).

Para Binswanger, a psicanálise sempre foi um ramo da psiquiatria, tanto em sua orientação científica como terapêutica (Binswanger, 1956/1992; Schmidl, 1959) e tentava encontrar um lugar para a psicanálise na psiquiatria (Spiegelberg, 1972). Para ele, a grande importância da psicanálise em relação à psiquiatria era sua busca por compreender os fenômenos ininteligíveis. Essa perspectiva freudiana superava a dicotomia até então proposta por Jaspers, que dividia o campo da psicopatologia “entre os fenômenos que eram totalmente inteligíveis e os que eram, na melhor das hipóteses, casualmente explicáveis” (Spiegelberg, 1972, p.199).

A psicanálise trouxe para a psicopatologia uma forma de interpretação de significados, em comportamentos que aparentemente não tinham sentido, apoiado numa concepção unificadora da natureza humana. Assim, a interpretação de significados de Freud não era apenas uma teoria, mas estava baseada na experiência. A psicanálise seria a primeira a encontrar uma base empírica sistemática para o estudo do homem (Binswanger, 1924/1973; Schmidl, 1959; Spiegelberg, 1972). Neste sentido, afirmou que foi Freud quem pela primeira vez baseara o estudo do homem na experiência (Spiegelberg, 1972, p. 219)

No entanto, “para Binswanger, a ciência da psicanálise é uma base para a compreensão do homem, mas ele sente que é necessário mais para compreender o pleno significado da vida do homem” (Schmidl, 1959, p.47). Na nova antropologia de Binswanger, tem lugar central o conceito de *amor* (*Liebe*), o qual ele reinterpretou de uma forma totalmente nova. Apesar de sua originalidade, existe clara influência da antropologia de Freud, na qual a *libido*, propulsora desse Eros, era tão determinante para a estrutura da teoria psicanalítica. Essa nova interpretação vai além do viés naturalista da psicanálise e propõe a ampliação para algo mais abrangente e completo. Além disso, o *amor* por ele proposto não podia ser entendido como um ato unilateral, que aguarda uma correspondência, mas se trata de um *amor* social, um amor mútuo, que resulta em solidariedade (Spiegelberg, 1972).

Essa noção tem – para Binswanger – uma valência central para a questão da psicoterapia, entendida como um percurso que o paciente (ou consultante), sob orientação do médico, deveria “(...) libertar-se do isolamento e das ilusões decorrentes do rompimento nas relações com o mundo e com outrem” (Alvarenga, 2017,



p. 372). Nesta direção – e já inspirado por Martin Buber, em seu *Eu e Tu* – Binswanger procura desenvolver a ideia de “cuidado” (*Sorge*) de Heidegger, que se revela, para o psiquiatra suíço, uma limitação por estar dirigido à finitude do ser-para-a-morte (*Dasein*), sendo substituída pela “infinitude do amor, não mais a ipseidade do ser que se desloca no tempo, mas a anterioridade do *Wirheit*³ em relação à perspectiva do *ego* e do *alter ego*” (Alvarenga, 2017, p. 373). Em outras palavras,

A questão para Binswanger é que a noção de cuidado em Heidegger, enquanto elemento existencial próprio do ser do *Dasein*, é condicionada pela perspectiva temporal do ser-para-morte, contudo, o amor está fora ou transcende essa perspectiva. De acordo com Binswanger, o ser-um-com-outra antecede a experiência de ser-para-morte, o que significa que o *Dasein* não poderia ter como sua estrutura mais fundamental o cuidado, uma vez que ele está condicionado à temporalidade (Alvarenga, 2017, p. 373).

Disso, ainda decorre o papel que Binswanger destaca para a psicoterapia, como uma situação em que “terapeuta e paciente são parceiros em um ‘encontro’” (Schmidl, 1959, p.51), rejeitando assim qualquer condição objetificante para o paciente. A noção de *encontro* é também uma questão central na antropologia fenomenológica. Como nos aponta Spiegelberg (1972), Binswanger nunca reivindicou uma terapia distinta da psicanálise, apesar de perceber suas limitações. Em sua *Daseinsanalyse* restringiu-se em dar algumas diretrizes; entre elas, estava a forma de interação em que o médico não deveria tratar “...o paciente nem como um mero objeto, nem como um mero paciente, mas como uma presença ou como companheiro. Terapia significa encontro em oposição ao mero contato. A transferência de Freud é realmente esse encontro” (Spiegelberg, 1972, p.228).

Essa discussão – que envolve a ideia de “encontro” e de “transferência” – é controversa, e estimula grandes defesas e críticas em várias direções em relação à psicanálise. Talvez a posição de Spiegelberg não refira a uma psicanálise ortodoxa. Já Schmidl, em 1959, problematiza tal questão como uma das críticas de Binswanger à psicanálise, o que vai ao encontro do texto elaborado pelo próprio autor, sobre o *homo natura*, de 1924. Mesmo assim, no decorrer de seu texto, Schmidl faz a defesa da psicanálise:

Quanto à controvérsia do encontro versus transferência e ao significado da relação entre psicanalista e paciente como uma verdadeira relação humana, podemos ter que diferenciar entre a psicanálise do “modelo básico” e as técnicas modificadas, conforme elas foram distinguidas no artigo de KR Eissler, *The Effect of the Structure of the Ego on Psychoanalytic Technique* (Schmidl, 1959, p.55).

Assim, o conceito de contratransferência colocaria dúvidas sobre o psicanalista ser “apenas uma tela em branco” e mesmo com algumas ressalvas, se aproximaria bastante das ideias de relacionamento de tratamento propostos por Binswanger. Em uma carta enviada a Freud, em 03 de dezembro de 1909, Binswanger reconhece a interdependência entre psicanálise e psiquiatria: “(...) a meu ver, não é psiquiatra alguém que não conheça a psicanálise, assim como a psicanálise não se sustenta em um terreno científico sólido, se não toma em consideração a experiência e os problemas científicos da psiquiátrica clínica” (Binswanger, 1956/1992, p. 33).

Sem dúvida, a psicanálise foi o ponto de partida para os desenvolvimentos de Binswanger; mais do que uma proposta coerente para o entendimento do homem, a pessoa de Freud era também quem o instigava a ter maior rigor e refinar constantemente sua busca. Assim como Binswanger não se tornou um seguidor cético da psicanálise, Freud também costumava responder de forma a reprovar com ironias e até irritação, quando o desenvolvimento das ideias não lhe agradava.

Em correspondências trocadas entre Freud e Binswanger, em 1924, quando este ainda estava voltado a desenvolver um segundo volume para seu livro de introdução aos problemas da psicologia, este voltado à psicanálise, Binswanger escreveu a seguinte frase: “Uma vez que a psicanálise se ligou a alguém, não o deixa jamais; para um o liga na prática, outro na teoria, segundo sua predisposição; e ninguém poderá dizer que não se converteu na tarefa de sua vida” (Binswanger, 1956/1992, p. 87). Ao comentar essa frase, em sua publicação de 1956, Binswanger não a invalida.

Porque a “tarefa da minha vida” não apenas foi o resultado de haver me ocupado da psicanálise e de seu novo saber a respeito do homem, mas também do combate por sua estimativa e orientações “críticas”. Como se deduz do que precede, a psicanálise foi, por assim dizer e nessa medida, o “ferrão” que me incitou a mergulhar cada vez mais profundamente no problema do ser-homem e as tentativas para dominar filosófica e cientificamente este problema” (Binswanger, 1956/1992, p. 87).

Percebemos por esse comentário pessoal, a grande influência da psicanálise no pensamento de Binswanger, embora ela nunca tenha sido suficiente. Em termos práticos, ele nunca a abandonou, permanecendo, mesmo após a morte de Freud, membro da Associação Psicanalítica Internacional.

³ Como assinala Alvarenga (2017), *Wirheit* é um termo de difícil tradução, sem correspondência direta, sequer ao francês (traduzido por *noustrité*). Corresponderia a “nósidade”, numa ideia de um nós como *alter*, alteridade, ou seja, a ideia do “amor” em Binswanger é o da transcendência do ser-para-amor como um “ser-nós”.



Algumas Interloquções entre Fenomenologia e Psicanálise no Pensamento de Binswanger

Todos veem em você um membro mediador do lado da psiquiatria universitária, suas experiências passadas e vivência familiar o levaram a essa posição de mediador. Poucos são os universitários tão preparados como você para julgar e comparar. Seu caráter reflexivo e a sinceridade de suas intenções o fazem apto para executar seu projeto (Binswanger, 1956/1992, p. 48).

O trecho acima, retirado da carta de 10 de setembro de 1911, que Freud endereçou a Binswanger, nos apresenta como característica pessoal do psiquiatra suíço, não só sua abertura para integrar novas ideias, mas também uma firmeza para analisar de forma rigorosa teorias, e articular de forma produtiva diversos campos. Aliado ao exposto anteriormente, quer seja, a influência de diversos teóricos para construção de seu projeto, principalmente Husserl e Freud, surge a nossa hipótese de que a antropologia fenomenológica de Binswanger representaria de alguma forma a articulação entre fenomenologia e psicanálise.

Como nos aponta Franca Madioni (2007): “A relação Freud-Binswanger parece-me a pedra angular de uma nova leitura da complexa relação entre fenomenologia e psicanálise e permite entender influências mútuas (p.124)”. Do ponto de vista teórico, fica claro que Binswanger utilizou-se, em grande medida, de termos e conceitos retirados de Husserl, principalmente para embasar filosoficamente a nova antropologia, conservando pouco ou nada da teoria psicanalítica. No entanto, uma das características reconhecidas da teoria de Binswanger foi sua atuação e desenvolvimento de conceitos que embasasse a clínica psiquiátrica. Tal campo não foi alcançado pelas ideias de Husserl, principalmente no que tange à prática clínica. Husserl, “cujos interesses fenomenológicos na melhor das hipóteses mencionaram, mas não exploraram o alcance emocional” (Spiegelberg, 1972, p.223), conforme demonstrado anteriormente em relação aos conceitos de amor e encontro, os quais notadamente recebeu influência da psicanálise. “Enquanto é verdade que o trabalho de Binswanger não é meramente fenomenologia aplicada, sua parte mais importante permanece à sua margem; ele nunca questiona seriamente os direitos da fenomenologia” (Spiegelberg, 1972, p.194).

No entanto, a psicanálise partiu de uma práxis, da experiência ambulatorial de Freud, transcrita como teoria. Muito cedo, em sua prática, Binswanger utilizou o método terapêutico na clínica de sua família, motivo pelo qual foi duramente criticado pelos psiquiatras da época. Desde então, nunca deixou de considerar a psicanálise em sua dimensão clínica e nunca a abandonou por completo (Binswanger, 1956/1992, Spiegelberg, 1972). Dessa forma, Binswanger não tem sua teoria encaixada exclusivamente em nenhuma das duas vertentes, ou fenomenologia ou psicanálise. Nunca foi uma necessidade sua receber rótulos. Seu projeto estava voltado a uma psiquiatria geral, o qual poderia beneficiar-se de qualquer influência que se compreendesse como científica e que pudesse levá-lo a captar a dimensão da natureza humana.

Sobre sua posição não polarizada, Binswanger (1956/1992) discorre que nunca “se arrependeu do inconsciente”, tanto na prática clínica (a qual é impossível sem a concepção freudiana) quanto na teoria. No entanto, ao voltar-se à fenomenologia e à análise existencial, o *inconsciente* havia se transformado, de forma a ampliar-se e aprofundar-se opondo-se cada vez menos ao *consciente*. Tal oposição seria bastante acentuada na psicanálise, o que sempre acontece em “confrontos dessa simplicidade”. Ao considerar que seu trabalho, a partir de Heidegger, tem seu ponto de partida no ser-no-mundo e não no *consciente*, tal oposição se apagava, pois o centro estaria em descrever os diferentes modos e as diferentes estruturas fenomenológicas reveladas no ser-no-mundo.

Destarte, ambas vertentes – fenomenologia e psicanálise – demonstram serem potenciais inspiradores para o campo da psiquiatria, no qual pode-se sugerir um ponto de encontro entre elas. O artigo de Fritz Schmidl, de 1959, já apontava para esse aspecto (ao que o próprio Binswanger não contestou ao ler seu trabalho), ponderando que

(...) a separação da psicanálise da psiquiatria clínica foi baseada em uma situação histórica e provou não ser necessária. A história provou que não há perigo de a psicanálise ser esquecida. Hoje, podemos esperar que a integração da psicanálise e da psiquiatria clínica, defendida por Binswanger em 1920, se torne realidade (Schmidl, 1959, p.53)

Por outro lado, Spiegelberg (1972), aponta que a fenomenologia de Husserl ofereceria uma base científica mais rigorosa para o empreendimento de Binswanger para fundamentar uma psiquiatria geral, a qual não pode ser isolada da prática.

A contribuição de Binswanger para a psiquiatria, partindo da fenomenologia, é apontada em artigo recente como uma possibilidade: “A obra binswangeriana pode ser um exemplar paradigmático do diálogo entre psicopatologia e fenomenologia, revelando que a união destas duas disciplinas parece responder a um interesse mútuo” (Tonus & Messas, 2018, p. 48). Em uma dimensão mais profunda, Madioni (2007) corrobora para a pertinência da hipótese levantada inicialmente:



Parece-me que Binswanger representa – e gostaria de enfatizar esse ponto – o vínculo de Freud com a cultura filosófica germânica da época, mas também com a cultura da psiquiatria nascente. Também poderíamos nos perguntar até que ponto a psiquiatria moderna, como uma ciência distinta da neurologia, evoluiu graças à psicanálise (Madioni, 2007, p.127).

Considerações Finais

Binswanger não abandonou a psicanálise (Binswanger, 1956/1992, Schmidl, 1959; Spiegelberg, 1972), principalmente no âmbito da clínica. O que ele abandonou foi a concepção de humano, como *homo natura*, da forma como a compreendeu à época do 80º aniversário de Freud; sobre a qual, posteriormente, declarou que seria muito mais ampla e profunda de como ele tinha abordado naquela ocasião.

A base científica para realizar seu projeto de construir uma psicologia mais rigorosa foi inspirada na fenomenologia de Husserl. Assim, a clínica aparece como uma área que, justamente por sua concretude, permitiu que incorporasse características da psicanálise de Freud e das bases teóricas da fenomenologia de Husserl, para fundi-las em sua prática e descrever em sua teoria.

Este artigo buscou explorar alguns dos conceitos que Binswanger desenvolveu – como *encontro e amor* –, analisando a influência da psicanálise sobre eles. Por outro lado, examinou conceitos da fenomenologia e da psicanálise, para compreender a evolução do pensamento binswangeriano, tais como o *consciente e inconsciente*, e sua relação com a análise existencial. Essa investigação serviu para demonstrar que a Antropologia Fenomenológica possui também bases psicanalíticas e não apenas fenomenológicas, como corriqueiramente está localizada a teoria de Binswanger e que, portanto, pode ser entendida como uma interlocução entre as duas vertentes.

No entanto, trata-se de uma análise primária que aponta caminhos para uma aproximação e reflexão conjunta entre fenomenologia e psicanálise. Outras questões ainda permanecem em aberto, como por exemplo a questão fundamental da visão de homem presente na psicanálise, a qual Spiegelberg (1972) nos informa que o próprio Binswanger colocou mais tarde em dúvida. Ademais, outras questões importantes merecem destaque em novas pesquisas, e surgem aqui como limites desse manuscrito – como o caso da questão da temporalidade (comum a todo um conjunto de psicopatologistas de orientação fenomenológica, como Minkowski, por exemplo); a própria presença do pensamento heideggeriano na construção de sua proposta; e, em especial, duas questões relativas à clínica: a construção de uma identidade em psicopatologia (o que torna Binswanger um pensador único nesta direção) e sua concepção de *Daseinsanalyse* que, como fazia questão de destacar, se tratava de uma nova maneira de compreender a clínica, a patologia e a realidade existencial do sujeito, na qual a doença teria menos sentido do que o próprio indivíduo (Spiegelberg, 1972; Bucher, 1983; Gomes, 1986). Em outras palavras, como resume Naudin (1997), para Binswanger, a *Daseinsanalyse* “(...) é uma empresa científica, um método de pesquisa” (p. 23), que se propõe a uma elucidação fenomenológica da articulação da existência como ser-no-mundo (Binswanger, 1965, 1967b, 1971).

Devido às poucas traduções das suas obras e um estudo ainda limitado do autor no Brasil, tal compreensão permanece prejudicada necessitando de maior pesquisa. Além disso, verificou-se que tanto estudiosos da psicanálise (Schmidl, 1959; Madioni, 2007) quanto da fenomenologia (Tonus & Messas, 2018) acreditam que a obra de Binswanger pode servir de base para a psiquiatria moderna.

Diante disso, nos parece elementar que estreitar as relações entre psicanálise e fenomenologia, por meio da obra de Binswanger, seria um caminho produtivo a ser seguido para a construção de uma base rigorosa e comum a psiquiatria e consequentemente a psicologia, o qual ainda tem muito a ser percorrido.

Referências

- Acharán, J. T. O (2019). *Contribuições da psicopatologia fenomenológica à psicoterapia do transtorno de personalidade borderline: alcances e limites de um estudo clínico-fenomenológico*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Alarcão, G.G. (2013). A amizade de Freud e Binswanger sob a perspectiva fenômeno-estrutural. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*. 2(2). 66-87. Disponível em: <https://www.revistapfc.com.br/rpfc/article/view/1036>
- Alvarenga, R. (2017). Os fundamentos transcendentais da análise psiquiátrica de Ludwig Binswanger. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 20 (2), 368-381. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=2330/233051956010>
- Baas, B. (1998). *De la Chose à l'Objet. Jacques Lacan et la Traversée de la Phénoménologie*. Leuven : Peeters Vrin.
- Binswanger, L. (1924/1973). La Concepcion Freudiana del hombre a la luz de la Antropologia. In: Ludwig Binswanger. *Artículos y Conferencias Escogidas* (pp. 139-165). Madrid: Editorial Gredos.



- Binswanger, L. (1956/1992). *Mis recuerdos de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Almagesto.
- Binswanger, L. (1962). El caso de Lola Voss. Análisis existencial. In: *Psiquiatria existencial*. Santiago: Ed. Universitaria.
- Binswanger, L. (1965). Análisis Existencial y Psicoterapia, In Hendrik M. Ruitenbeek (Org.). *Psicoanálisis y Filosofía Existencial* (pp. 37-42). Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Binswanger, L. (1967a). El Caso de Ellen West. Estudio Antropológico-Clinico, In May, R.; Angel, E. & Ellenberger, H. F. (Eds), *Existencia* (pp. 288-434), Madrid: Editorial Gredos.
- Binswanger, L. (1967b). La Escuela de Pensamiento de Análisis Existencial, In Rollo May; Ernest Angel & Henri F. Ellenberger (Eds), *Existencia*, Madrid: Editorial Gredos (Original em inglês de 1958).
- Binswanger, L. (1971). *Introduction a l'Analyse Existentielle*, Paris: Les Éditions du Minuit.
- Branco, M. T. C. (1998). Que profissional queremos formar? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 18(3), 28-35. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931998000300005>
- Bucher, R.E. (1983). Fenomenologia e Psicanálise, *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 3/1, p. 33-43.
- Bucher, R.E. (1989). *Psicoterapia pela Fala*, São Paulo: E.P.U.
- Dalbosco, J. R. (2022). *Espírito Materno e Função Materna: Buytendijk e o Discurso Psicanalítico acerca da Gênese da Subjetividade Maternal*. Dissertação de Mestrado em Filosofia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, Paraná.
- Dastur, F. & Cabestan, P. (2011). *Daseinsanálise: Fenomenologia e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Via Veritas.
- Ellenberger, H. (1976). *El descubrimiento del inconsciente*. Madrid: Gredos.
- Ferreira, A.A.L; Portugal, F.T & Jacó-Vilela, A.M. (2005). *História da Psicologia: Rumos e Percursos*. Rio de Janeiro: Nau.
- Figueiredo, L.C.M. (2008). *Matrizes do pensamento psicológico*. Rio de Janeiro: Vozes
- Giovanetti, J. P. (2017). *Psicoterapia fenomenológico-existencial: fundamentos filosófico-antropológicos*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Giovanetti, J. P. (2018). *Psicoterapia Antropológica. As contribuições de Binswanger e Gendlin*. Belo Horizonte: Spes.
- Gomes, W.B. (1986). Influências da Fenomenologia e da Semiótica na Psicoterapia, *Psico* (Porto Alegre). 12(1), p. 127-144.
- Holanda, A. F. (2014). *Fenomenologia e Humanismo. Reflexões Necessárias*. Curitiba: Editora Juruá.
- Holanda, A. F. (2019). O que é psicologia? Dilemas epistemológicos e repercussões contemporâneas. *Revista de Psicologia, Fortaleza*, v.10 n1, p. 8-20. 2019
- Madioni, F. (2007). Perspectives épistémologiques et historiques dans la correspondance Freud-Binswanger. *Topique*, 98(1), 123-134. doi:10.3917/top.098.0123
- Naudin, J. (1997). *Phénoménologie et Psychiatrie. Les Voix et la chose*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.
- Schmidl, F. (1959). Sigmund Freud and Ludwig Binswanger, *The Psychoanalytic Quarterly*, 28:1, 40-58, DOI: 10.1080/21674086.1959.11926124
- Soria, A. S. (2016). Freud, Binswanger e a concepção de homo natura. *DoisPontos*, 13 (3), 125-141. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/47062>
- Spiegelberg, H. (1972). *Phenomenology in Psychology and Psychiatry*. Evanston: Northwestern University
- Tonus, A. & Messas, G. (2018). Ludwig Binswanger: a edificação de um fundamento epistemológico para a psiquiatria. *Circumscribere* 22 (2018): 36-49, DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/1980-7651.2018v22;p36-49>

Recebido em 12.10.2021 – Primeira Decisão Editorial em 22.03.2022 – Aceito em 15.08.2022